

POLIFONIA	GUIABÁ	EdUFMT	V. 14	p. 131-142	2007	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------------	------	----------------

## JOSÉ DE MESQUITA E O ROMANCE TARDIO

**Maria Francelina Silami Ibrahim Drummond\***

**RESUMO:** O artigo analisa o romance *Piedade*, de José de Mesquita, publicado em 1937. A obra, em descompasso com o romance brasileiro da época, mostra as resistências da sociedade tradicional às mudanças da vida moderna em Cuiabá de início do século XX, numa trama familiar de amor e infelicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura mato-grossense; romance; romance brasileiro; *cuiabania*; sociedade tradicional.

## JOSÉ DE MESQUITA AND THE LATE NOVEL

**ABSTRACT:** This article analyzes the novel *Piedade* (Piety), by José de Mesquita, which was edited in 1937. In this book, Mesquita shows the resistance of the traditional society of Cuiabá to many changes brought by modern life in the beginning of the XX century. It's a family plot which involves love and misfortune.

**KEYWORD:** literature mato-grossense; novel; Brazilian novel; *cuiabania*; traditional society.

O Desembargador José Barnabé de Mesquita, autor do romance *Piedade*, publicado em 1937, foi eminente personalidade na vida intelectual e política de Cuiabá na primeira metade do

---

\* Doutora em Literatura Comparada (UFMG), professora do Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia em cujo projeto de pesquisa *Narradores do Brasil Central* este artigo se fundamenta.

século passado. Cuiabano, formado pela Faculdade de Direito em São Paulo, meio-irmão do arcebispo e membro da Academia Brasileira de Letras Dom Aquino Correia, distinguiu-se pelo intenso labor intelectual de pesquisador da história mato-grossense – em especial a de Cuiabá e arredores – jornalista e autor de dezenas de obras entre poesia, conto, romance, oratória e ensaio.

A visão de José de Mesquita sobre a literatura mato-grossense está sintetizada numa conferência proferida no Rio de Janeiro em 1936. Ele identificava a bravura e a melancolia como características temáticas predominantes na literatura de seu Estado natal. Decorreriam “de circunstâncias históricas e mesológicas que criaram para Mato Grosso uma feição toda peculiar, dado o seu isolamento geográfico e sua imensidão territorial” (MESQUITA, 1936, p. 6) numa história marcada por feitos heróicos e lutas em defesa do território e da fronteira. Este princípio de interpretação certamente norteou a construção do romance *Piedade*. José de Mesquita escreve o romance na década de 1930 e o ambienta em Cuiabá no início do século XX.

## **Piedade**

O romance narra a história dos primos Paulo e Maria da Piedade que, tendo tido infância comum, reencontram-se na juventude, apaixonam-se e se casam. Provêm ambos da família Monteiro, de ascendência portuguesa, emigrada para o sertão de Cuiabá à época das monções e cujo patriarca, miliciano da administração daquela vila, unira-se a uma índia, dando origem assim ao tronco tradicional e cultuado por Paulo.

Jovem advogado, formado em São Paulo, poeta e contista, Paulo tem a intenção de escrever “um romance meio histórico em que reviveria o passado familiar, a grandeza e a decadência da Serra-acima, a vida pomposa dos senhores do engenho e o romance sentimental do Sargento Monteiro e da meiga Rosinha” (p. 147).<sup>1</sup> Cativam-no as reminiscências e histórias dos antigos,

---

<sup>1</sup> Nos parênteses, as páginas do romance *Piedade* correspondentes à citação.

como as de Mãe Roberta, ex-escrava e agregada da família cuja morte, ao início do romance, contribui para acentuar o sentimento de perda que marca a vida de Paulo. Afastado da mãe por discordar do segundo casamento e não aceitar o padrasto, foi criado pela tia Francisca, mãe de Piedade, auxiliada por Mãe Roberta, entre as primas Glorinha, Regina, Ercília, Piedade e Léo, além do irmão Alberto. Uma série de acontecimentos fúnebres deprime a família: morte de Roberta, seguida da morte de Glorinha, por tísica e visita ao cemitério; a loucura e o internamento de Alberto no hospício; missa de sétimo dia de Carlota, mãe de Paulo. Mas há também entretenimentos particulares e públicos, passeios nos arredores da cidade, festas de casamento, touradas nas festas do Divino.

Ainda que o título remeta à figura feminina Piedade, era de se esperar, por isso, que ela fosse o foco principal, e tivéssemos, pois, mais um *perfil de mulher* na literatura. Não é o que ocorre. A interpretação do romance passa pela personalidade de Paulo e nela concentra seu sentido mais fundamental. A trama está essencialmente centrada em Paulo, temperamento sensível, extremamente sentimental e romântico que, inadaptado ao meio provinciano e àquela “sociedade burguesa avessa às idealizações” (p.77), é fruto da educação e das leituras românticas com que *saturara o espírito*.

Essa caracterização do protagonista Paulo implica, portanto, na tematização do leitor e do mundo da leitura que envolve diretamente os homens. Álvaro, o irmão de Paulo que enlouquece, lia romances. As mulheres, ainda que burguesas ou ociosas, ficam à margem da vida intelectual e ocupam-se, quando muito, do aprendizado doméstico de piano para execuções em momentos da vida social. Livros femininos, apenas *Lunário perpétuo* e *Horas marianas*.

A biblioteca de Paulo dava-lhe grandeza intelectual e reforçava seu status de descendente dos senhores de engenho da região de Serra-acima. É o que transparece no diálogo com um professor mestiço que visita o gabinete de Paulo e não se contém:

- O amigo é que sabe viver!... Uma casa bem arranjada, uma sala de primeiríssima, sim senhor! E que magnífica livraria escolhida e numerosa!
- Qual! apenas o necessário! retorquiu o advogado, intimamente lisonjeado e já sentindo melhores disposições ante o elogio de Ricardinho. E você tem muitos livros? Um professor dever ler muito, não? ( p. 87).

O protagonista passa então, na cena acima retomada, a enumerar nas prateleiras os livros que possuía. Várias edições de Camões, Fernão Mendes Pinto, Sá de Miranda, Bocage, Nicolau Tolentino, Felinto Elísio, Castilho e toda a obra de Herculano, além de Eça e outros autores *modernos* que não especifica. Lera Lamartine quando mais jovem; depois lia Baudelaire, Marco Aurélio, Dante, Goethe, Chateaubriand, Virgílio, Ovídio e Maupassant. Entre poetas preferidos, Maurice de Guérin, Musset, Samain, Bilac, Amadeu Amaral, Antero de Quental, Alberto de Oliveira.

Essas leituras formariam um leitor eclético, mas Paulo se dizia “*impregnado do mal romântico pela hereditariedade e pela cultura,*” (p.115), aterrorizado e indeciso,” *irmão espiritual de Werther, René, Adolphe e Obermann.*” (p.115). Muitas vezes, o alívio a essa melancolia era buscado no campo – a Chapada dos Guimarães, “*a terra de nossos avós, o sítio histórico da família...*” (p.116), saída romântica em cuja bagagem havia sempre “*três ou quatro livros, clássicos latinos de sua preferência.*” (p. 115).

Em contraste, Piedade vivia à margem da cultura do livro e, predestinada desde criança pela tia a unir-se a Paulo, desempenhará o papel de “*boa esposa para um homem de letras, necessitado da cooperação do lar nos seus trabalhos de gabinete.*” (p. 60). Casa-se por amor, quase apaixonado no princípio, mas logo domesticado como dever e sacrifício, abnegação e deserotização. Aceita a missão de tornar-se anjo, mãe e companheira silenciosa de Paulo que, doente dos pulmões, exige cuidados extremados. Quase sombra, atenta, solícita, devotada, sua personalidade extingue-se por completo na figura de guardiã do homem. Não terão filhos; não há nenhuma cena de amor, nenhuma insinuação; sexo nenhum. Não há cheiro, nem barulho

na casa (um piano às vezes tocava Beethoven); só temores e presságios. Um mau agouro é machadianamente insinuado à Piedade pela súbita presença da mesma borboleta preta de Brás Cubas que, agora, entretanto, pousa sobre um quadro da Santa Ceia. A ambientação mórbida desse amor se completa quando Piedade, tomando a Morte como rival – pois iria em breve roubar-lhe o marido – aspira tão intensamente igualar-se a Paulo que acaba por tornar-se tuberculosa. A revelação da doença ao marido é acompanhada de insólita alegria de Piedade. A cena tem tonalidade naturalista e patética:

Paulo... Paulo... Que feliz que eu sou! Deus deu-me a graça de participar do seu padecimento e acompanhá-lo na viagem. (...) E indicava no solo, ao lado de uma pilastra onde floriam num jarro, lindas parasitas vermelhas – uma grande mancha também vermelha, rubra mesmo como uma flor de sangue, flor de renúncia e de sacrifício supremo..(p. 160).

O desfecho do romance se dá, simbolicamente, à hora do Ângelus quando Piedade, em agonia, minutos antes de morrer, suplica à própria mãe, D. Francisca, que cuide de Paulo como se fosse seu próprio filho.

### **Cuiabania**

Ao focar drama existencial e esboçar análise psicológica, o romance *Piedade* revela o *local*, isto é, a rede da *cuiabania* numa “*sociedade que se dissolvia*” (p.180), permitindo a formação de um segundo sentido que é o confronto entre o próprio (cuiabano) e o de fora, discretamente apresentado. A trama se desenvolve na tensão entre o universo da cultura circundante e o mundo familiar; ou no contraste entre a rua e a casa, dualidade que acolhe o confronto entre frivolidade da vida burguesa e sensibilidade poética. O narrador sente o pulsar dessa época, com mudanças nos costumes e valores que os personagens

vivenciam. Uma tonalidade autobiográfica parece estar embutida na caracterização intelectual do protagonista melancólico, espécie de Werther cuiabano, também advogado, poeta e contista amante das tradições. Nele, pela via da paródia e outras sugestões intertextuais, o leitor identifica reminiscências de heróis da tradição literária brasileira – do romantismo ao naturalismo, certamente fruto das leituras do autor. Entre esses modelos, estão Alencar, Taunay, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo e Afrânio Peixoto. O narrador erudito conduz a história, assumindo às vezes a voz homodiegética (1ª pessoa) de quem não apenas testemunha os fatos, mas concorda com o protagonista e lhe dá voz também no discurso indireto livre. Difícil dizer se é contraponto do autor, coisa, aliás, irrelevante na análise da recepção proposta neste artigo, embora instigante em outra abordagem que porventura se faça.

O conceito *cuiabania* que engloba significantes do complexo cultural desenvolvido a partir da área de influência de Cuiabá e sua baixada, presta-se como chave para interpretação do romance de José de Mesquita.

Tomado como índice de mentalidade, *cuiabania* designa certo padrão de cultura urbana, tradicional que se desenvolveu supostamente no isolamento dos centros dinâmicos. Cuiabá teria ficado por muito tempo ao largo de mudanças culturais, mantendo-se num sistema de permanência que cristalizou valores e costumes, dadas as suas condições geográficas, precariedade de acesso e vias de comunicação, situação mantida até aproximadamente a década de 60 e, de fato, modificada nos anos 80, do século passado.

Embora o isolamento deva ser evocado com discrição e cautela, não há como ignorar que a vida urbana em Cuiabá, até em torno da década de 1950, tinha características peculiares de pequena capital. Definia-se pelas relações interpessoais e expressões próprias numa época em que a cidade era, nas palavras de um velho cuiabano, “*uma aldeia de bugres*,” tomada não em sentido pejorativo, mas referente à composição básica e original de região com traços bororos evidentes sobre brancos e negros.

Época em que o sistema construtivo era outro; os arredores da cidade eram *sítios* que tinham vida de pequenas comunidades com relativa auto-suficiência, e as instituições gerenciavam a vida urbana sem, contudo, definirem o ritmo cotidiano. A imprensa era modesta, atingindo um círculo quase familiar de leitores; as instituições de cultura – grêmios, associações e academias de letras, instituto histórico, liceus e cursos de humanidades – estavam implantadas, mas ainda exportavam estudantes dos cursos preparatórios, geralmente para a Faculdade de Direito em São Paulo, Medicina no Rio de Janeiro e Engenharia em Ouro Preto.

O conceito de *cuiabania*, um tanto genérico para abranger as contradições próprias de uma cultura, sempre dividiu opiniões e gerou controvérsias porque, em certo sentido, define setores cuiabanos dominantes e tradicionalistas, de viés ideológico conservador. No romance de José de Mesquita, a *cuiabania* é assumida pelo narrador, insinuada ao leitor implícito e identificada pelo leitor crítico na personalidade do protagonista e em outros aspectos da trama. Predominam a saudade do passado e o culto das eras remotas, de valores e tradições familiares e o temor da mudança para um estilo de vida frívolo, secular, industrial e burguês; moderno, enfim.

Para o historiador Rubens de Mendonça, *Piedade* é um romance cuiabano, *verdadeiramente cuiabano* (MENDONÇA, 1985, p. 3), sugerindo ser evidente a todo leitor que a ação se passa em Cuiabá embora o nome da cidade não seja mencionado.

A ação transcorre em ambiente urbano, estruturada em trinta capítulos e distribuídos em três partes, sem indicação precisa de data. Há uma discreta sugestão de que seja no tempo da gripe espanhola, em 1916 embora por essa época a cidade já tivesse luz elétrica, que o romance não registra e sim, *belgas* e outros lampiões a gás. Seguramente foi antes do rádio e cinema. Há alusões indiretas ao clima frívolo de *belle époque* com mulheres jogando tênis e dançando *rig-time* (p.113), modas modernas que o narrador critica, e Paulo combate com pessimismo.

Entretanto, este espaço não é apresentado de maneira franca e objetiva, mas sugerido em: a) esparsas referências

geográficas, nomes de ruas e localidades próximas: Rua de Cima, Rua Grande, Campo do Ourique, Porto, cidade do Bom Jesus, Serra-acima, Chapada dos Guimarães, Limoeiro, Livramento; b) alusão a costumes: beber guaraná ralado e *chocolate* (leite misturado a pó de bocaiúva; c) uso de expressões do linguajar cuiabano: *na fria, flober, lufada; pai grande, jacuba, lavrados, arrombado*. Outras vezes, antigas crenças, captadas no diálogo entre personagens, sugerem o espaço da história:

- Este comeu logo cabeça de pacu, disse Décio, referindo-se à tradição local que faz crer que o saboreio da cabeça desse peixe determina um definitivo enraizamento no lugar por parte dos adventícios.

- Ou bebeu água da Prainha, replicou D. Francisca, sorridente. Também nossa água tem suas propriedades milagrosas e prende o forasteiro. (p. 68).

Tudo indica que o autor não pretendeu fazer do espaço físico o foco do seu romance. O objetivo é a análise de comportamento e introspecção em alguns personagens, mas a cidade acaba se revelando sob diversas formas, nos costumes e na História.

Apesar de centrar-se no clichê romântico do amor entre primos – já questionado como tema da narrativa brasileira por Bernardo Guimarães em *A filha do fazendeiro*, José de Mesquita utiliza o mito, mas lhe dá o significado de elemento que garante a circularidade espacial do romance. *Piedade* começa e se encerra dentro da família. O amor de Paulo pela prima tinha origem na ancestralidade, como que uma predestinação unindo seres desde toda eternidade e para ela os encaminhando. No curto noivado, ele se declarou:

O meu amor por você não nasceu nesta vida, vem de mais longe, de nossos antepassados, cujas tendências atávicas espalhamos, sem o saber, no mundo. Acredite, Piedade, eu a amo há três ou quatro gerações. (p. 135).

O casamento foi o caminho seguro identificado pela personalidade romântica e nostálgica de Paulo como maneira de continuar a saga de conquistas da família iniciada pelo Sargento Monteiro, no século XVIII. Paulo acaba repudiando a sensual Tereza Lemos, a bela viúva Eunice, a prostituta Negrita, certo de que o amor da prima selaria, por assim dizer, a aliança com a ancestralidade que ele amava e que, como intelectual, tinha planos de registrar e documentar na sua grande obra de escritor.

A sociedade tradicional, remanescente de senhores de engenho da Serra-acima, passa pelo romance. Nela está representada a sociedade branca, burguesa e dominante, já adotando hábitos modernos; mulheres solteiras e viúvas sem a discricção feminina tradicional se insinuam aos industriais e capitalistas.

Coronel Seixas, fazendeiro e líder eleitoral; Campos, o industrial *novo rico*; Dr. Clarimundo, mestiço petulante, jornalista, político e leitor de Gorki; Dr. Padilha, empregado administrativo e republicano; o bacharel Carlos Aguiar, professor e homem de letras; Marcolino, poeta, *magro e espectral*, Major Elias, *gordo e esperto comerciante*; o promotor jovem, sábio citador de autores clássicos, o Tenente Lourival, os irmãos Paivas - *tidos e havidos como as melhores 'tesouras' da terra*, e outros formam a galeria de tipos que se reúnem em solenidades festivas e acontecimentos fúnebres, ao lado das mulheres, a aristocrata Sra. Santos Lima, Aline Seixas, Lucila e Regina Tavares, Rosita Aguiar, Bega Eiras e outras cinco irmãs *moreninhas e buliçosas*; Vidoca Braga, Leontina Veiga.

O negro está presente no romance através de Roberta, ex-escrava e mãe-preta que a família Monteiro venera, mas cuja participação na trama é rápida e seu perfil, idealizado.

Os segmentos mestiços, quando aparecem, são ridicularizados por maçantes e inconvenientes, constituindo um estrato rejeitado socialmente. O melhor exemplo é Ricardinho, apresentado pelo narrador como sujeito pedante e mulherengo, fisicamente desabonado, *mestiço de cor terrosa, testa estreita, olhos acanhados e ajaponezados, nariz rombo, cabelos curtos e*

*grossos* (p. 84). Colega de Paulo no curso preparatório, tornara-se professor de Língua Pátria. Paulo o trata com intolerância e superioridade, contendo a vontade de rir quando recebe em sua casa aquele *obscuro professor, pedante vernaculista, cultor da linguagem preciosa, empolada e cheirante aos classicismos tirados dos velhos quinhentistas*. (p. 87). Além desses atributos físicos e morais desabonadores, Ricardinho apaixonara-se por uma loura, pois era o *paradigma que lhe agradava, pela lei dos contrastes, de poderosa influência nas relações do amor*, e que, na opinião racista do narrador, denunciava a auto-rejeição do mestiço.

Sintomaticamente, um capítulo inteiro do romance é dedicado Ricardinho que tem, no entanto, papel secundário na trama. Este capítulo estabelece o contraste entre sociedade branca e mestiça/bugre, revelando o índio recalçado da *cuiabania*. Ele só aparece pelo negativo e falta-lhe *lugar* social no presente, em contraponto com a índia do passado colonial, idealizada na personagem Rosa, responsável pela fundação da família Monteiro. Essa mesma índia fora anteriormente evocada pelo autor no soneto *Flor da Selva* (MESQUITA, 1930, p. 14) e saudada como *irmã* de Iracema e Lindóia.<sup>2</sup>

### **Romance tardio**

*Piedade* não é um romance histórico no significado tradicional do gênero, embora o autor ficcionalize fatos e personalidades da história mato-grossense, enxertando-os na trama, com técnica que revela domínio da forma. Os episódios do passado histórico fazem parte, como que *naturalmente*, da vida de seus personagens e têm sentido no principal motivo da obra. O enredo cativa o leitor, ainda à moda do folhetim: capítulos curtos, ação rápida, cortes temporais e foco nos protagonistas. O espaço, traçado de maneira singular, mais sugere do que descreve a cidade em que o drama se passa. As diversas intromissões do

---

<sup>2</sup> José de Mesquita parodia a saudação que Machado de Assis fizera à heroína de Alencar, chamando-a de *irmã de Moema e Lindóia*. Machado de Assis, *Crítica*, p. 843.

narrador, em comentários e alusões ao leitor implícito, matizam a história, conectando-a ao leitor real.

Além do prazer em ler um romance singelo e bem construído, o leitor crítico certamente descobrirá que na voz do narrador de José de Mesquita ecoa a voz de outros narradores da Literatura Brasileira, uns mais recuados como Alencar, em *Iracema*, e Taunay, em *Inocência*; outros mais próximos de José de Mesquita: Machado de Assis e o contemporâneo Afrânio Peixoto, em especial seu romance *A esfinge*, de 1911. O protagonista deste livro, também de nome Paulo, vive drama existencial semelhante ao do herói de *Piedade*, oscilando entre a paixão pela prima Lúcia e a idealização do amor como forma perfeita que se esculpe. Aliás, José de Mesquita não escondeu seus prováveis modelos, ao falar de si mesmo como assinante da Associação Literária Cuiabana na juventude:

Todo Macedo, Alencar, Dumas, Montepia, Pouson, Escrich, para falar somente nos de maior vulto, passaram-me pelas vistas e pela imaginação enfebrecida, criando na minha mente os ideais românticos que me formaram o substrato e nunca mais me abandonariam no resto da existência (MESQUITA. 1941, p. 7).

Antes do romance *Piedade*, o autor tinha publicado o livro de sonetos *Da epopéia matogrossense* em 1930, seguido dos contos de fundamento histórico, reunidos em *A cavalhada* (1927), o conto sertanejo *Cora*, em 1931 e *Espelho das almas*, premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1932. Nesses livros e na produção propriamente historiográfica do autor, percebe-se o homem voltado para sua região, no afã de reunir, numa obra variada, o esforço da pesquisa em documentação antiga, através da qual revelasse os traços específicos e predominantes de Mato Grosso. Os *ideais românticos* o norteiam.

Por isso, é possível ver em *Piedade* a reverberação do plano intelectual de José de Mesquita. O romance se bate romanticamente pela manutenção da cultura tradicional,

atravessado de melancolia, bem escrito, impecável na forma, mas anacrônico em relação ao romance brasileiro da década de 1930, de denúncia social e engajamento político com sua época.

### **Bibliografia**

ASSIS, J. M. Machado de. Crítica. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. III.

MENDONÇA, Rubens. José de Mesquita. *Jornal O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 10 de mar./1985.

MESQUITA, José de. *Piedade*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1937.

\_\_\_\_\_. *O sentido da literatura matogrossense*. 1936. In: [www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm](http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm)

\_\_\_\_\_. A Academia Matogrossense de Letras, 1941. In: [www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm](http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm)

\_\_\_\_\_. *Da epopéia matogrossense*, 1930. In: [www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm](http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm)

PEIXOTO, Afrânio. *A esfinge*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.